



# AUTORA MÚLTIPLA

A escritora no aeroporto de Viracopos, em Campinas, a caminho do Uruguai para o lançamento de *Quarto de despejo*, em 1961

Conjunto de pesquisas e exposição sobre Carolina de Jesus mostram a versatilidade da escritora para além do célebre *Quarto de despejo*

Bruno de Pierro

**N**o bairro de Parelheiros, em São Paulo, Carolina Maria de Jesus (1914-1977) buscava sossego para escrever um novo livro. Pela primeira vez desde o lançamento de *Quarto de despejo*, que em 1960 a alçou à fama repentina, estava longe da agitação da vida pública e sentia-se amadurecida. “Estou mais esclarecida, fiquei mais culta, estudei, melhorei o português”, declarou ao jornal *O Globo*, em reportagem publicada em fevereiro de 1970. O primeiro livro, que se tornara fenômeno de vendas, agora se apresentava como uma experiência amarga aos olhos da autora, que ganhara apenas “fama de rica sem dinheiro”, em suas próprias palavras. Refugiada em um sítio na periferia da cidade, continuou redigindo crônicas, contos, poemas, provérbios, peças de teatro e marchinhas de Carnaval. A maior parte dessa produção, porém, teve repercussão incomparavelmente menor do que o livro que a tornou célebre.

Exemplos da versatilidade da escritora podem ser vistos na exposição *Carolina Maria de Jesus: Um Brasil para os brasileiros*, em cartaz até janeiro de 2022 no Instituto Moreira Salles (IMS), em São Paulo. Resultado de dois anos de pesquisa, a mostra reúne cerca de 300 itens entre fotografias, vídeos e outros documentos que revelam aspectos de sua trajetória pouco conhecidos do público. “A difusão desse acervo busca reforçar a relevância de seu legado como intérprete do Brasil”, diz a historiadora Raquel Barreto, uma das curadoras da exposição.

Na mostra, os textos de Carolina e sua própria letra aparecem em formatos variados, como manuscritos, projeções em paredes e lambe-lambes. Durante a pesquisa, foram consultados originais da autora, grande parte depositada no IMS e no Arquivo Público Municipal de Sacra-

mento, cidade mineira onde Carolina nasceu. “A finalidade é apresentar a voz e a escrita original de Carolina, uma vez que, até recentemente, ao serem publicados, seus livros passaram por modificações”, informa Barreto. Também é possível ouvir o único disco que Carolina gravou, intitulado *Quarto de despejo*, lançado em 1961 no embalo do sucesso do livro homônimo.

Apesar do sorriso, o retrato de Carolina na capa do disco não difere tanto de outras imagens da escritora, quase sempre cabisbaixa, com os cabelos cobertos por um lenço. O acessório tornou-se um símbolo associado à estigmatização da artista. A fim de desconstruir o estereótipo de Carolina favelada, a exposição traz retratos em que aparece altiva, com o cabelo à mostra, usando roupas elegantes.

“Mesmo com a disseminação de boa parte dos manuscritos de Carolina a partir de 1990, a maioria das interpretações acadêmicas girou, por muito tempo, em torno de *Quarto de despejo*”, avalia a historiadora Elena Pajaro Peres, que se debruça sobre a obra da escritora desde o doutorado, concluído em 2007 na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP).

O acesso à produção literária de Carolina permitiu que Peres identificasse novos aspectos. “Sua obra abre janelas para uma melhor compreensão da expressão criativa que está ligada à história das diásporas africanas e das mulheres negras no período de pós-emancipação”, escreveu em um capítulo do livro *Mulheres na história: Inovações de gênero entre o público e o privado* (Literar, 2020).

Peres chegou a essa conclusão durante estágio de pós-doutorado no Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) da USP e na Universidade de Boston, nos Estados Unidos, com apoio da FAPESP. Em textos escritos a partir dos anos 1940, Carolina conta que, na infância, ouvia histórias narradas pelo avô, que havia sido escravizado e tinha orgulho de ser filho de africanos que vieram de Angola.

Assim que chegou à capital paulista, em 1937, Carolina trabalhou na casa do cardiologista Euryclides de Jesus Zerbini (1912-1993). Usava o tempo livre para visitar redações de jornais, quando oferecia seus textos para publicação. Em suas memórias, ela conta que ainda criança entrou em contato com o pensamento de José do Patrocínio (1854-1905) e do abolicionista Luiz Gama (1830-1882), a partir de leituras coletivas e na escola. Também tinha fascinação por poetas românticos do século XIX e pela literatura de folhetim.

“Nota-se que Carolina produziu sua arte retrabalhando, de forma criativa, práticas e saberes a que teve acesso durante a vida”, observa Peres. A partir disso, diz ela, é possível superar a visão que a coloca como escritora da carência, autora improvável, fenômeno surpreendente ou mesmo um “milagre”.

Ao todo foram publicados aproximadamente 10 livros de Carolina de Jesus no Brasil. Além de denunciar condições socioeconômicas desfavoráveis, a autora desenvolveu uma escrita ficcional que traz características das radionovelas. “Muitas das personagens criadas por Carolina são mulheres vaidosas, fortes e sensíveis. Isso aparece em textos como *Dr. Silvio e Obrigado senhor vigário*”, explica Peres.

É possível identificar contribuições de Carolina para além da autenticidade de seu relato e do fato de ter escrito sobre a miséria, salienta a crítica literária Raffaella Fernandez, autora de *A poética de resíduos* (Aetia, 2019), resultado de seu doutorado na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). “O que há de especial na literatura de Carolina é a riqueza de sua inventividade a partir da mobilização do parco, do simplório, que se vale de diversos discursos literários, retalhos de ideias e coisas talvez consideradas ‘menores’”, argumenta.

Para a pesquisadora, além de falar de sua própria opressão, Carolina conseguia experimentar metáforas, produzir crônicas, criar paisagens bucólicas e explorar

uma temática lírica. Era essa a visão estética do mundo que ela queria que o público conhecesse, passado o êxtase de *Quarto de despejo*. O impedimento de levar essa escrita ao público fez com que percebesse que seu reconhecimento como artista não seria fácil. Publicou com dinheiro próprio, ainda nos anos de 1960, mais dois livros: *Pedaços da fome* e *Provérbios*.

Na visão de Fernandez, o atual “resgate” de Carolina se explica, em parte, pelo fortalecimento de movimentos negros e pelo surgimento de novas editoras interessadas em publicar autores negros. “Esse contexto literário e extraliterário cedeu suporte para que Carolina ganhasse visibilidade nos últimos tempos”, afirma Fernandez, integrante do conselho editorial da Companhia das Letras. A editora tem se dedicado, desde o início do ano, a lançar textos inéditos e novas edições de obras de Carolina de Jesus, entre elas *Casa de alvenaria*, de 1961.

Para Barreto, a renovação dos estudos sobre Carolina tem relação com o ingresso de uma nova geração de pesquisadores negros em universidades públicas do país (ver reportagem na página 32). “São pessoas que lançam novos olhares sobre sua obra e se dedicam a resgatar seu acervo.”

**D**esde que começou a garimpar o acervo de Carolina de Jesus, há 20 anos, Fernandez reúne evidências concretas do quão complexo era seu processo criativo. “A produção de Carolina resulta da mescla de gêneros literários e não literários, abrangendo desde a poesia romântica à denúncia social, valendo-se da normal culta e da oralidade.”

Com base em inéditos e relendo manuscritos não aproveitados pelo jornalista Audálio Dantas (1929-2018), responsável por tornar conhecidos os diários de Carolina e organizar a primeira edição de *Quarto de despejo*, Fernandez conseguiu auscultar histórias e pensamentos inexplorados da autora. Um dos principais desafios foi lidar com um espólio maltratado. “A preservação dos manuscritos é de extrema importância para publicar trabalhos inéditos e subsidiar pesquisas”, diz Fernandez.

Grande parte do acervo de Carolina de Jesus encontra-se no Arquivo Público

Municipal de Sacramento. O material foi doado nos anos 1990 por sua filha Vera Eunice de Jesus Lima. “Hoje ela se arrepende da doação, porque a prefeitura não implementou um tratamento arquivístico adequado para preservar os documentos”, afirma o pesquisador Sérgio Barcellos, autor de *Vida por escrito* (Bertolucci, 2015), decorrente de seu pós-doutorado na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj).

Durante dois anos Barcellos mapeou o acervo de Sacramento. Incentivado por Vera Eunice, o pesquisador encaminhou à prefeitura um guia sobre como melhorar as condições de armazenamento dos documentos. Até agora quase nada foi implementado. Recentemente o Ministério Público acatou uma denúncia feita pela filha da escritora.

### “ESCRITORA-FAVELADA”

Da noite para o dia, Carolina tornou-se a “escritora-favelada”, como passou a ser chamada pela imprensa, depois de *Quarto de despejo*. Seu percurso criativo, porém, começara muito antes de conhecer Dantas. Já no começo da vida a pequena Bitita – apelido que recebera na infância – demonstrava entusiasmo pelas letras. Embora somasse apenas dois anos de estudo formal e tivesse passado a juventude trabalhando em casas de família, o interesse de Carolina pela leitura e a escrita se fortaleceu com o passar do tempo. Pouco tempo depois de começar a trabalhar na casa de Zerbiní, cansada de receber ordens, Carolina optou por ser catadora de papel. Na favela do Canindé, onde construiu o próprio barraco e criou seus três filhos, conheceu a miséria. “Antes de Carolina outros autores brasileiros, como Graciliano Ramos [1892-1953], já haviam escrito sobre a pobreza. Mas nenhum o fez de dentro da miséria”, avalia o sociólogo Mário Medeiros, autor de *A descoberta*

*do insólito* (Aeroplano, 2013), resultado de seu doutorado sobre literatura negra, realizado com apoio da FAPESP. *Quarto de despejo* ganhou destaque ao denunciar a realidade das favelas, até então pouco conhecida do público.

“O diário de Carolina traz reflexões sociológicas importantes sobre o momento que o Brasil vivia”, afirma Medeiros, professor do Departamento de Sociologia da Unicamp. “O livro foi lançado no contexto do desenvolvimentismo, propagado pelo governo de Juscelino Kubitschek [1956-1960] e o esforço em prol da industrialização.”

Os diários de Carolina, diz Medeiros, colocaram em xeque o tom triunfante e otimista que acompanhava o processo de





modernização do país. “*Quarto de despejo* mostrou que aquela modernidade toda não resolvia dilemas do racismo e da desigualdade social.” Apesar do sucesso do livro – que vendeu 50 mil exemplares apenas com um mês de lançamento –, Carolina foi mantida à margem da literatura brasileira.

Hoje, diante de seu vasto acervo, é possível dimensionar com mais clareza a importância da literatura produzida por ela, avalia Fernandez. “Há uma representatividade fundamental na obra de Carolina, no sentido de que seus escritos dialogam com outras mulheres negras inseridas em redes diaspóricas na América Latina”, diz a pesquisadora. A escritora percorreu um longo caminho até chegar à capital paulista. Passou por várias cidades do interior, em busca de uma vida melhor. “Há, portanto, uma comunhão de valores e interesses entre a literatura de Carolina e a trajetória de homens e mulheres em processo de migração, isto é, de trânsitos em diferentes territórios e culturas.”

O interesse pela escritora e sua obra, contudo, permaneceu associado ao caráter “excêntrico” da autora: uma mulher negra, semianalfabeta, fazendo denúncia social. Daí alguns especialistas afirmarem que o best-seller ofuscou outros de seus livros, recebidos com indiferença pela imprensa. “Ela ficou presa a *Quarto de despejo*, como se não fosse autorizada a seguir carreira como escritora prolífica e múltipla que era”, diz Fernandez.

Um aspecto que restringe a obra ao campo do pitoresco pode ser o fato de seus escritos não estarem inseridos em padrões normativos de nenhum gênero prestigiado da literatura brasileira. No início dos anos 2000, o escritor paulistano Ferréz chegou a identificar em Carolina a grande inspiração para a difusão da chamada literatura marginal no Brasil. Ainda assim, apenas aspectos políticos e sociológicos costumam ser enaltecidos.

O processo de reedição de suas obras, aliás, tem sido marcado por controvérsias em torno da decisão da Companhia das Letras de manter a gramática original de Carolina, com todos os seus desvios da norma padrão, sobretudo na ortografia. A iniciativa foi objeto de críticas dentro do ambiente acadêmico.

“Alguns especialistas argumentam que isso seria uma maneira de perpetuar a imagem exótica de Carolina, mas não é o caso”, diz Fernandez. “Ela realiza uma apropriação da gramática muito particular, e isso faz parte do processo de criação de sua poética de resíduos, ao capturar discursos e recursos. Essa publicação também possibilita uma aproximação do leitor com a caneta originária de Carolina.”

#### AOS OLHOS DA IMPRENSA ALEMÃ

Na Alemanha, obras como *Quarto de despejo* e *Casa de alvenaria* ajudaram a deslocar o imaginário sobre o Brasil como um lugar de natureza exuberante e harmonia entre as raças, argumenta Raquel Alves dos Santos Nascimento, doutoranda em estudos da tradução na FFLCH-USP. “As resenhas publicadas pela imprensa alemã nos anos 1960 não eram propriamente análises literárias do livro em si”, diz Nascimento, que in-

vestiga a difusão do universo caroliniano naquele país europeu.

“Recomendavam a leitura para que o público alemão se informasse a respeito de uma realidade até então desconhecida, como se a escrita de Carolina fosse um periscópio que possibilitasse ao europeu observar a miséria do terceiro mundo.” Nesse sentido, diz a pesquisadora, o exotismo associado à realidade brasileira cedeu lugar para o “exotismo social da favela.”

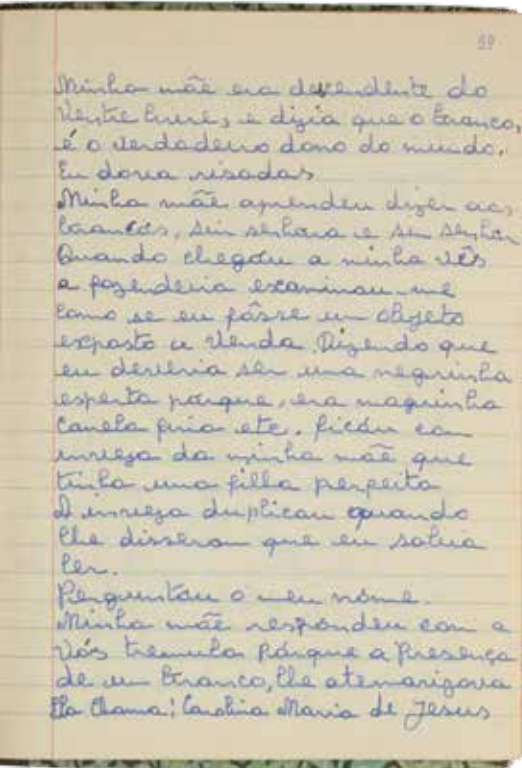
O fato é que Carolina de Jesus desejava apenas escrever, independentemente se fosse de dentro da favela ou de uma casa de alvenaria na zona norte de São Paulo, para onde se mudou após sair do Canindé. “Ela nunca se posicionou como representante de grupos minoritários e mantinha uma relação tensa com o movimento negro”, salienta Medeiros, sublinhando a complexidade da escritora.

“Os manuscritos revelam que foi influenciada por autores abolicionistas e, ao mesmo tempo, apreciava a chamada literatura água com açúcar, em que príncipes salvam princesas em apuros. Esse contraste aparece em vários de seus livros”, diz Barcellos.

Carolina deixou o Canindé em 1960. No ano seguinte, a favela passaria por um processo de desmonte, promovido pelo poder público municipal. “O mesmo que, ironicamente, viabilizou a formação da favela ao ‘despejar’ lá moradores removidos de cortiços”, conta a urbanista Gabriela Pereira, professora da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia (FA-UFBA), autora do livro *Corpo, discurso e território: A cidade em disputa nas dobras da narrativa de Carolina Maria de Jesus* (Anpur, 2019).

Carolina é citada no primeiro parágrafo do plano de desfavelização, divulgado pela prefeitura de São Paulo em 1962. Segundo o documento, o impacto causado por *Quarto de despejo* marcou “o despertar da cidade para esse grave problema urbano e social – a favela”. Para Pereira, a análise da obra de Carolina fornece meios para se pensar a constituição da cidade em que a escritora viveu e pela qual se movimentou. “Ela conseguiu conectar o passado escravocrata com desigualdades que ainda estruturam nossos territórios.” ■

Os projetos e livros consultados para esta reportagem estão listados na versão on-line.



Capa do disco lançado por Carolina, que cantava e tocava violão (acima, à esq.); cerimônia de recebimento do título de sócia honorária da Academia de Letras da Faculdade de Direito da USP (ao lado); manuscrito da escritora